



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

USOS COTIDIANOS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA: OLHARES SOBRE A IDENTIDADE ETNICORRACIAL

Elvina Perpétua Ramos Almeida
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
elvinaramos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Considerando que leitura e escrita são práticas sociais que se constroem nos discursos, esses usos da língua provocam situações que podem ser associadas a “[...] determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar” (STREET, 2007, p. 466). Implícita nesse ponto de vista, opera a noção de que há diferentes modos de ler e escrever, em consonância com os diferentes contextos sociais e culturais em que essas práticas se dão, realçando e identificando a importância dos aspectos culturais, ideológicos e políticos nos usos da linguagem.

As apreciações aqui apresentadas originaram-se da pesquisa desenvolvida – *Linguagem e identidade etnicorracial no Quilombo de Araçá-Cariacá* –, tema defendido no Mestrado em Letras, na Universidade Federal da Bahia (ALMEIDA, 2010). Nos dados da dissertação de Mestrado, apresento uma análise de práticas e eventos de letramento do Quilombo de Araçá-Cariacá, localizado numa comunidade rural no oeste da Bahia.

Em linhas gerais, proponho neste texto algumas reflexões em torno do letramento da escola quilombola, levando em consideração a identidade etnicorracial. Tomo como base os fundamentos teóricos dos Novos Estudos em Letramento (STREET, 1985, 2003; KLEIMAN, 2008; TFOUNI, 2006) e parto da compreensão de que a escola não pode se distanciar dos aspectos culturais, históricos e sociais do sujeito e seu discurso, nem tampouco silenciá-los.

A identidade etnicorracial está compreendida numa dimensão política, fundamentada em questões históricas e culturais. Segundo o cientista social Jacques d’Adesky (2005), a construção da identidade pressupõe uma interação, portanto, a linguagem é um veículo central para qualquer processo identitário. Nas palavras do autor: “[o] homem procura o reconhecimento de sua individualidade no interior do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

grupo em que se encontra inserido e também em relação aos outros grupos que o cercam” (D’ADESKY, 2005, p. 76).

Assim, chamo atenção para os usos da leitura e escrita na escola considerando o conjunto de referenciais marcadores da identidade etnicorracial do grupo, seu enraizamento e suas questões culturais. A defesa do ensino/aprendizagem de língua que enfatize a consciência crítica poderá contribuir para que as pessoas se tornem mais conscientes de suas próprias práticas e críticas em relação às ideologias presentes nos discursos.

De acordo com Fairclough (2001, p.121):

As práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder [...] As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.

Nesse aspecto, é importante refletir que o letramento escolar poderá estabelecer políticas de identidade que reafirmem ou deslegitimem a identidade do grupo. Para refletir sobre o cenário da escola, apresento uma sintética exposição sobre os letramentos no contexto específico da comunidade de Araçá-Cariacá – sua organização, ideologias e lutas por dignidade e reconhecimento. Na análise da escola, procuro refletir sobre as repercussões do letramento escolar do quilombo e, neste aspecto, a questão proposta leva em consideração se a escola proporciona aos seus alunos o letramento que lhes interessa e de que necessitam.

CONSIDERAÇÕES SOBRE USOS E SIGNIFICADOS DO LETRAMENTO NO QUILOMBO

Neste espaço, primeiramente, tentarei apresentar uma contextualização do letramento na comunidade quilombola, fora do arcabouço escolar (se é que isso pode ser possível), visando uma melhor compreensão da identidade etnicorracial do grupo. Para isso, descrevo, de maneira sucinta, algumas práticas de letramento, apoiando-me na compreensão de que cada comunidade possui suas próprias práticas de letramento inseridas nas suas redes sociais e culturais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Um aspecto relevante em relação ao contexto ideológico dos quilombolas é a luta por mais visibilidade na sociedade e pela conquista dos seus direitos. Ao longo da história, vêm procurando abolir condições passivas, rejeitando imposições, a fim de que se faça valer a contra-hegemonia¹. Em decorrência dessa organização interna do grupo, foi criada a Associação Quilombola, uma instância ideológica em que a identidade etnicorracial do grupo pode ser percebida nas suas práticas de letramento.

Assim, é possível destacar que o letramento é um recurso para a preservação da cultura local. As cantigas, as rezas, as histórias, as expressões, por exemplo, ao serem repassadas de geração a geração, demarcam uma tradição de oralidade da comunidade. Por meio desses eventos de letramento, tratados de maneira positiva, a ancestralidade do grupo vem sendo rememorada pelas novas gerações.

O conceito de eventos de letramento é elucidado por Street (2003, p.6), com base em Heath (1983), ao descrever um evento de letramento como “[...] qualquer ocasião em que um texto escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos”. Já as formas mais amplas de leitura e escrita que se dão nos contextos culturais são as práticas de letramento.

Para exemplificar o conceito, cito, como exemplo de evento de letramento no quilombo, as rezas, mencionadas anteriormente, que são guardadas na memória de alguns moradores e recitadas em momentos propícios. Enquanto textos orais, não descartam a possibilidade da sua escrita em algum suporte, embora não se saiba onde nem quem realizou seus registros. As rezas como um gênero textual, possuindo conteúdos diversificados, são utilizadas em diferentes ocasiões, como em festejos, momentos de perda de um ente querido, para a cura de alguma doença ou mal-estar, etc. As circunstâncias propícias de seus usos determinam se são realizadas por uma única pessoa ou por um grupo de acompanhantes. São aspectos peculiares que revelam o caráter social da linguagem no evento de letramento.

Em outras circunstâncias, quando as pessoas mais velhas do quilombo narram histórias representativas da tradição da cultura local, da formação e das lutas dos quilombolas na conquista do território, essa oralidade é também uma prática discursiva letrada. Kleiman (2008) considera que, durante uma exposição oral, além de outros

¹ Segundo Fairclough (2001, p 122) “[...] hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio estável’”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

aspectos, as expressões e os gestos podem também demonstrar uma familiaridade com a escrita. Para Tfouni (2006), o letramento, como atividade voltada para textos escritos, pode atuar indiretamente e influenciar culturas e indivíduos que não dominam a escrita. Portanto, é possível dizer que os sujeitos, mesmo que não tenham passado pelo processo de alfabetização, engajam-se, de alguma maneira, em práticas sociais letradas, inserindo-se na cultura grafocêntrica.

Essas descrições acima reportam à compreensão de letramento que distingue dois modelos – o “modelo autônomo” e o “modelo ideológico” (STREET, 1985). O primeiro trata o letramento como um conjunto de habilidades técnicas e uniformes que são transmitidas e decodificadas, ele isenta os aspectos sociais e culturais. O outro, o modelo ideológico, de modo adverso, privilegia os aspectos sociais e ideológicos, como apresentado por Kleiman (2008, p.21):

Os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem de contextos e instituições em que ela foi adquirida. Não pressupõe, esse modelo, uma relação causal entre letramento e progresso ou civilização, ou modernidade, pois, ao invés de conceber um grande divisor entre grupos orais e letrados, ele pressupõe a existência e investiga as características, de grandes áreas de interface entre práticas orais e letradas.

As análises, neste texto, pautam-se no letramento ideológico com enfoque na etnografia, uma vez que os dados se construíram no “ouvir” as pessoas em seus próprios contextos. Portanto, interessam as crenças, as ideologias e os valores associados à cultura do grupo.

Sobre os usos da leitura e escrita que ocorrem em reuniões da Associação, realizam leitura e comentários de texto bíblico, de documentos recebidos, discussão dos assuntos, escrita e leitura de ata, assinatura em livros específicos e em documentos. Nas discussões, uma das principais demandas é a titulação definitiva das terras, portanto é um dos temas que mobilizou maior interesse e envolvimento dos participantes com os textos escritos, fazendo com que se ampliassem os usos da leitura e da escrita nos repertórios comunicativos. Em entrevista, sobre a importância da escrita no quilombo, registro a seguinte fala:

Da Associação, que nem pra trocar de diretoria que nem o presidente, essas coisas... tem que fazer essa ata, tem que fazer a votação, escolher aqueles... diretor ou diretor presidente, tesoureiro, secretário, vice-secretário, conselho



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

fiscal primeiro ou segundo, suplente e fazer aquela ata. Aí depois daquela ata feita, aí ler, aí agora a gente leva pro cartório prá registrar, porque é uma coisa muito segura [...] Tem serviço, que nem nos mutirões, que tem que lavar em ata, tem que lavar em ata, porque é a prova né... (Sr. Manuel², morador do quilombo).

Esta fala mostra como, por meio do letramento, as pessoas se envolvem nos princípios organizativos do quilombo. É possível ler nas entrelinhas uma valorização da escrita como uma capacidade de registrar e documentar. As expressões “é uma coisa segura” e “é a prova” indicam atribuições e funções da escrita que a colocam como detentora de um poder.

Em conversa com alguns moradores, percebi nas situações enunciativas que alguns adultos, em decorrência da não-escolarização, ressaltam aspectos negativos das suas atuais condições quer sejam sociais ou econômicas. Em relação aos usos da linguagem, é crucial a concepção construída pela sociedade, que impõe a necessidade de “um falar correto”, com base nos preceitos da escola. Segundo Ratto (2008, p. 269), “[as] próprias propagandas de campanhas institucionais de educação usam o estigma de *sujeito menor* como argumento para a construção de significado do papel e do lugar do não-escolarizado na nossa sociedade”.

Essa visão própria do modelo autônomo de letramento, motiva supor a existência de superioridade da comunicação escrita que “combate” e “triumfa” sobre a oralidade, ela traz implícita a não consideração às variedades encontradas nas sociedades (TOUFONI, 2006). Com essa reflexão, passo a discutir sobre o letramento escolar no quilombo.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA ESCOLA: A IDENTIDADE ETNICORRACIAL EM QUESTÃO

No quilombo, a *Escola Municipal Araçá-Cariacá* possui um importante conceito, como um local que poderá trazer “progresso” e “oportunidades” de uma vida melhor para os filhos e netos. Seu espaço, localizado estrategicamente num ponto central da comunidade, possui 04 (quatro) salas de aulas, que funcionam nos turnos matutino e vespertino, e atende as crianças da creche (03 a 04 anos) até a 6ª série. O

² Os nomes são fictícios para preservar a identidade das pessoas entrevistadas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

corpo docente constitui-se de professoras que são do próprio quilombo e outras não, algumas com considerável tempo de serviço.

É oportuno considerar o fato de se tratar de uma comunidade de tradição oral, resistente ao processo sócio-histórico de não valorização de sua cultura por parte da sociedade dominante. Nessa direção, o quilombo cria seus contradiscursos³, em reação às forças socioculturais associadas a poder e prestígio. E em relação aos discursos que circulam no contexto da escola quilombola, estariam estes reproduzindo ou desafiando as hegemonias existentes?

Ressalto que, nas cenas de leitura e escrita presenciadas na escola, foram predominantes as atividades de juntar sílabas para formar palavras, separar sílabas de palavras, passar palavras para o plural, para o feminino, etc., evidenciando o processo ensino/aprendizagem da língua materna fixado no que Freire (2005) denominou de “teoria bancária”. Na prática, a intenção é capacitar o aluno para que ele adquira uma habilidade técnica de usos da língua, sem uma preocupação com o seu uso e significação social. A fala, a seguir, caracteriza aspectos específicos do ponto de vista de uma professora:

Eles [os alunos] conversam muito entre si, interferem na aula, começam uma atividade e não vão até o final, quando estão copiando, é muito monótono isso... todo dia copiar do quadro, acho que é desinteressante pra eles, então eles copiam uma parte e deixa outra, tem aluno que, no 3º ano, dificilmente chega ao final de uma tarefa (Márcia, professora da Escola).

Na fala da professora, é possível entrever que os alunos são ativos e não se adaptam à cópia e à atividade repetitiva e distante da realidade social. Conversam entre si, por certo, sobre temas relevantes e significativos para eles. Na perspectiva do letramento ideológico que discuto anteriormente, diferente do ensino tradicional, o espaço da sala de aula significa um lugar motivador de debates e reflexões, conversar e interferir na aula significam atitudes interativas e discursivas que podem ser vinculadas a um interesse geral nas discussões.

Para Moita Lopes (2006), o contexto da aula de línguas é um espaço em que, essencialmente se aprende língua para construir significados por meio da leitura, compreensão oral, fala e produção escrita. Nesse espaço, não necessariamente se lê, fala

³ De acordo com Foucault (1996) o poder gera resistência, o discurso contra o poder é um contradiscurso.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ou escreve sobre língua ou discurso, o foco é o ato de construir significado. Acontece que os conhecimentos acionados pelo professor estão sujeitos à sua compreensão de linguagem, sua visão de mundo, seus projetos políticos, crenças, valores e preconceitos.

Em sala de aula, após a leitura de um texto sobre a escravidão no Brasil e os maus-tratos sofridos pelos negros, a professora Márcia, ao comentar a formação de quilombos, fez a seguinte pergunta à turma: “O que vocês fazem aqui que representa o quilombo?” No contexto, as crianças não se manifestaram, percebi que não compreenderam a expectativa da professora, isto é, diante do que vivenciam na comunidade, sobre o que seria pertinente falar naquele momento? No seguimento da aula, ela mesma menciona: “as danças... a folia de reis... palavras de origem africana”. Assim, as manifestações culturais do quilombo são compreendidas de forma superficial, limitadas à folclorização.

Outro aspecto do discurso da docente é a relação *eu/vocês* que caracteriza um posicionamento de distância em relação a esses sujeitos na sala de aula. Fica explícito que a professora não faz parte daquele contexto social, o que expressa sua diferença em relação ao grupo.

Em entrevista, outra professora expõe sua percepção sobre como se dá o trabalho desenvolvido em sala de aula:

A escola não trabalha as questões quilombolas, ainda está muito voltada para o livro didático... o livro didático tem sido... o TUDO, é como se o professor pegasse o livro didático, se baseasse simplesmente nele e trabalhasse simplesmente com ele, sem ver outras alternativas. Nós já começamos a questionar muito esse ano... e fazer trabalho diferente, trazer a comunidade pra escola, ver outras formas de trabalhar, só que num ano só a gente não consegue fazer tantas mudanças. Nós tínhamos um projeto, trabalhar comunidade/escola, trabalhar todas as questões da comunidade desde sua cultura, os seus problemas, dificuldades... só que veio a ordem da Secretaria que os contratados só vão trabalhar até dia 30 [novembro], então nós tivemos que antecipar as avaliações e o projeto ficou para o próximo ano. (Sandra, professora da Escola).

A professora declara que a escola não insere as questões locais nas suas práticas de letramento e responsabiliza o livro didático por isso. Ao referir à utilização apenas do livro didático, é notória a expressão “o professor” (ele), indicando um sujeito ausente – ela não se inclui. Mais adiante, quando menciona as intervenções na escola, ou seja, o “trabalho diferente” e o “projeto”, o “eu” aparece implícito no uso da primeira pessoa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

do plural (nós). Ao final da fala, a docente deixa explícita a não realização do projeto que planejaram, responsabilizando desta vez a Secretaria.

Kleiman (2008) considera a escola como a mais importante das agências de letramento, por se encarregar de introduzir formalmente o sujeito no mundo da escrita. É preciso considerar também que os processos de letramento são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes, portanto não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia (STREET, 2007). Outrossim, a escola não pode dissociar-se do meio cultural em que se localiza, os letramentos do quilombo podem servir como indicativos para as práticas de letramento da escola.

Araçá-Cariacá é uma das dez escolas quilombolas localizadas no município de Bom Jesus da Lapa, sendo coordenadas pela Secretaria de Educação Municipal, dependem de políticas públicas do município e de ações que possam promover um ensino capaz de romper o silêncio e a invisibilidade histórica da trajetória dessas comunidades. Em entrevista com a representante da Secretaria de Educação, diante da pergunta se a escola de Araçá-Cariacá proporciona aos alunos um ensino de leitura e escrita que lhes interesse e de que necessitem, ela deu a seguinte resposta:

Ainda não. Está caminhando pra isso, agora precisa partir muito de como a escola entende o que é a leitura, porque a leitura necessariamente não é a leitura do livro, do livro básico, do livro escrito, a gente faz leitura de mundo, faz leitura na história que eles têm, na riqueza da história que eles têm, então, eles poderiam estar fazendo mais leituras. Então, vejo a escola ainda muito presa ao livro [didático], e aí a gente não tem o livro [didático] específico pras comunidades quilombolas, o livro é ainda o mesmo utilizado na escola regular. É claro que isso não impede a escola de ir além, ela pode muito bem usar o da escola regular e, com as mídias que a gente tem, com os acessos que a gente tem, com os materiais que dispõe na biblioteca dela, ela tem como fazer com que esse aluno vá além do material didático, mas é necessário criar essa postura no município, é uma proposta que não está pronta, é um caminho a ser percorrido, é um objetivo a ser traçado, posto metas pra isso, pra gente poder alcançar. (Carla, representante da Secretaria de Educação de Bom Jesus da Lapa).

Na esfera da Secretaria Municipal, há reconhecimento de que as escolas quilombolas, em seu processo formal, não proporcionam, aos alunos, inserção na leitura e escrita do modo que interessa e que seja necessário a eles. Isso vai de encontro ao que é defendido nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Reações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (BRASIL, 2005, p.11). O documento propõe, entre outras ações, “[...] permanência e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade dos estudos”.

Ainda em relação ao enunciado, a entrevistada leva em consideração o conceito amplo de leitura orientado pela pedagogia freiriana, a “leitura de mundo”, como condição básica para a escola incluir os aspectos históricos da comunidade. Na fala, “agora precisa partir muito de como a escola entende o que é a leitura”, levando em consideração o enunciador, trata-se da “voz” do órgão público encarregado de organizar e acompanhar as ações propostas em conjunto. Portanto, concluo que seja pertinente que todos os envolvidos no processo pensem sobre ela, assim, a “leitura de mundo”, como um princípio, poderá ser a norteadora das práticas de leitura e escrita na escola quilombola.

Os discursos deixam implícita a necessidade de estruturação não só da escola de Araçá-Cariacá, como também das demais escolas quilombolas do município, caracterizando o quanto a educação quilombola necessita ganhar espaços. De acordo com Freire (1986, p.105):

[A] cultura não é uma página em branco ou um campo neutro de agentes sociais iguais. Deixar de contestar a desigualdade na sociedade é cooperar para obscurecer a realidade. Isto é, o professor atua como se a realidade não fosse problemática, nivelando assim a própria percepção que os alunos têm dos problemas de sua cultura. Uma realidade obscura desativa a criatividade das pessoas, mantendo uma cortina diante do que elas precisam ver para iniciar a transformação. Ensino neutro é outro nome para um currículo obscuro.

Entre as reflexões importantes que esta citação apresenta, é relevante enfatizar no currículo da escola a valorização da linguagem oral dos mais velhos como um significado cultural do quilombo. Isso possibilita buscar formas de potencializar os usos mais competentes da língua, respeitando o saber, a língua e a cultura local.

Um encaminhamento das aulas, na perspectiva social da escrita, seria o emprego do gênero textual, pelo seu significado, capaz de organizar os discursos. Terzi (2006, p.7), ao discutir sobre a implementação de um currículo na escola, propõe que este seja elaborado “[...] a partir das práticas de letramento, para que os alunos entendam o significado das mesmas para a comunidade, o papel do texto escrito que delas faz parte e, posteriormente, a relação entre todos os fatores sociais e a forma linguística textual”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Numa analogia à proposta de Terzi (2006), quanto ao gênero textual ata, por exemplo, bastante utilizado nas práticas de letramento da Associação, se inserido na programação de um projeto, sua leitura poderá trazer várias informações, abranger ideias, valores e atitudes, configurando modos de uso social da linguagem. A análise do texto provocará conhecimentos sobre quem o escreveu, quem assina, evidenciando a autoria nas condições de sua produção, isto é, não apenas aquele que escreve. No texto, constam datas que permitem localizar os acontecimentos num tempo, autorizando uma percepção histórica dos fatos e seus processos.

Ainda sobre o gênero ata, em seu relato de acontecimentos, em que são narrados os eventos de uma reunião, o texto expõe os motivos que levaram o grupo a se reunir, as discussões, as decisões e os encaminhamentos, podendo nas suas entrelinhas dar a perceber as ideologias implícitas. Os assuntos tratados são escolhas que partem de demandas de diferentes ordens – econômica, social, política, etc.; a organização e a forma linguística dadas ao texto seguem uma estrutura específica. Também cabe analisar a finalidade do texto, para que serve a sua escrita dentro e fora do quilombo, caracterizando que a comunidade se vincula às deliberações sociais locais e mais amplas, fora do quilombo.

A opção pelo modelo ideológico de letramento tem em vista que o aluno se envolve com a leitura e escrita por meio de textos, em oposição às atividades descontextualizadas e fragmentadas que servem apenas para ensinar um conteúdo gramatical. Assim, por meio dos gêneros textuais, os aspectos discursivos são valorizados, podendo propiciar ao aluno um maior conhecimento de si mesmo, da sua realidade social, bem como, ajudar a promover seu desenvolvimento linguístico-discursivo.

CONCLUSÕES

No contexto sociocultural específico do quilombo, o letramento tem um significado particular. Concomitante a essa compreensão, é possível dizer também que essa comunidade se particulariza, tendo em vista as práticas de letramento que lá circulam, possíveis de interferir na identidade de seu povo. Nessa analogia, reporto ao quilombo como um grupo que se organiza politicamente com o objetivo de preservar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sua ancestralidade e reforçar os encaminhamentos e as estratégias de reivindicações, na expectativa de mudanças das suas condições sociais e econômicas.

Ao considerar o letramento como uma prática social e os discursos em termos de relações de poder, é possível concluir que a escola de Araçá-Cariacá, ao se pautar na história de luta do próprio quilombo, poderá apoiar-se nesse exemplo de busca por mudanças, procurando abandonar ideologias construídas e automatizadas, advindas de forças que teimam no reconhecimento de uma só identidade e na legitimação de formas culturais hegemônicas. Um caminho é a escola, com apoio sistemático da Secretaria Municipal de Educação, repensar seu letramento e tomar consciência da dimensão ideológica das práticas de leitura e escrita, analisando a necessidade de se pautar no ensino de língua materna que promova a afirmação da identidade etnicorracial dos quilombolas.

ABSTRACT

This work aims to present part of a research that analysed literacy practices and events in the quilombola community located in Bahia's West. By focusing on literacy at the scholar quilombola context, the intention is to reflect about the daily uses of reading and writing at school and how these uses suffer interferences of social and cultural forces that, over time, continue to recognize only one identity and legitimize one hegemonic culture. At the quilombola, the movements and struggle looking for the ethnic-racial identity's appreciation and the rights conquest are aspects that characterize the identities in process of (re)construction, showing that the individual's social context have high relevance. At school, to insert the ethnic-racial identity and its importance in literacy process is also to adopt languages' teaching/learning strategies that enable the social inclusion, since literacy, as way of using the language, involves the local knowledge. The research revealed that, even though the quilombo's employ of some sparse actions involving the group's identity, the teaching/learning is more about the mainstream society. By knowing that, it was possible to infer that thinking at reading and writing uses' politics at school implies to admit identity politics capable to enable perspectives against exclusion and domination.

Keywords: School Literacy. Mother tongue . Ethnic identity.

REFERÊNCIAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ALMEIDA, Elvina Perpétua Ramos. *Linguagem e identidade etnicorracial no Quilombo de Araçá Cariacá*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais e para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília. DF, jun. 2005.

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HEATH, Shirley Brice. *Ways with words: language, life, and work in communities and classrooms*. New York: Cambridge University Press, 1983.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social*. 10. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p.15-61.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RATTO, Ivani. Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p.267-290.

STREET, Brian V. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Teleconferência UNESCO Brasil, Letramento e Diversidade, 2003. p. 1-13.

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V.. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista Filol. Linguística*, n. 8, p. 465-488, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP8/Street.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção do Currículo nos cursos de letramento de jovens e adultos não escolarizados*. 2006. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/sylviaterzi.pdf>. Acesso em: 15 maio 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2006.